

## PSICANÁLISE, A ESCUTA DA MULHER E O DIÁLOGO COM O FEMINISMO<sup>1</sup>

Francislaine Mendonça Avila<sup>2</sup>

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente<sup>3</sup>

### RESUMO:

Freud foi um dos pioneiros em dar voz às mulheres através da escuta psicanalítica em seus atendimentos, especialmente em um contexto social onde a voz feminina era frequentemente silenciada ou desvalorizada. Ao tratar mulheres com sintomas de histeria, Freud permitiu que elas expressassem suas experiências, medos, angústias e desejos, trazendo à tona aspectos profundos de suas subjetividades. No entanto, as interpretações de Freud, como as teorias da “inveja do pênis” e do complexo de Édipo, muitas vezes geraram questionamentos posteriores, muito embora essas teorias tenham fornecido um ponto de partida para a compreensão das dinâmicas psicológicas femininas, elas também foram vistas por muitas teóricas feministas como limitadas e, em alguns aspectos, redutoras. Desse modo, o presente estudo, através de pesquisa bibliográfica, tem o objetivo de abordar a complexa relação entre a mulher e a psicanálise, analisando as contribuições de Freud e o impacto do feminismo sobre a teoria formulada segundo Freud. No mesmo sentido, pretende-se explorar, ainda, o papel da histeria na psicanálise, discutindo a queixa histórica e como ela expressa desejos reprimidos, tanto para Freud quanto para Lacan. Como principais resultados destaca-se o fato de que Freud deu voz às mulheres através de sua escuta. Pode-se concluir que Freud e Lacan apontam que o sintoma histórico expressa conflitos inconscientes e desejos reprimidos. O desejo de insatisfação se torna uma característica central da histeria, mantendo o sujeito em um ciclo contínuo de frustração. Freud promove o estudo da psique feminina e Lacan traz posteriormente uma nova perspectiva sobre a feminilidade.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Feminismo. Freud. Lacan.

### *PSYCHOANALYSIS, LISTENING TO WOMEN AND DIALOGUE WITH FEMINISM*

### ABSTRACT:

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 19/10/2024 e aprovado, após reformulações, em 19/11/2024.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: [cianedcr@yahoo.com.br](mailto:cianedcr@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Psicóloga e Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Docente do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: [reginaprudente@uniacademia.edu.br](mailto:reginaprudente@uniacademia.edu.br)

Freud was one of the pioneers in giving women a voice through psychoanalytic listening to their attentions, especially in a social context where the female voice was often silenced or devalued. By treating women with symptoms of hysteria, Freud allowed them to express their experiences, fears, anxieties and desires, bringing to light deep aspects of their subjectivities. However, Freud's interpretations, such as the theories of "penis envy" and the Oedipus complex, often generated later questions, although these theories have provided a starting point for understanding the female psychological dynamics, they were also seen by many feminist theorists as limited and, in some respects, reductive. Thus, the present study, through a bibliographical research, aims to address the complex relationship between women and psychoanalysis, analyzing the contributions of Freud and the impact of feminism on the theory formulated according to Freud. In the same sense, we intend to explore the role of hysteria in psychoanalysis, discussing the hysterical complaint and how it expresses repressed desires, both for Freud and for Lacan. As main results, the fact that Freud gave voice to women through their listening stands out. It can be concluded that Freud and Lacan point out that the hysterical symptom expresses unconscious conflicts and repressed desires. The desire for dissatisfaction becomes a central feature of hysteria, keeping the subject in a continuous cycle of frustration. Freud promotes the study of the female psyche and Lacan subsequently brings a new perspective on femininity.

**Keywords:** Psychoanalysis, Feminism, Freud, Lacan.

## 1 INTRODUÇÃO

A relação entre a psicanálise e a feminilidade sempre foi marcada por tensões e questionamentos. Iniciada por Freud, essa ciência centrou boa parte de seus primeiros estudos sobre questões relacionadas à sexualidade e ao papel feminino. No entanto, ao longo das décadas, novos olhares emergiram dentro e fora da psicanálise, abrindo espaço para um diálogo com o feminismo (Oliveira; Nicolau, 2020).

Enquanto Freud promoveu o estudo da psique feminina, suas teorias, como a "inveja do pênis" (Freud, 1917/2006) e a centralização do falo (Freud, 1923/1990), Lacan trouxe uma nova perspectiva, propondo que a feminilidade e a histeria excedem a lógica fálica (Van Haute; Geyskens, 2017).

Nesse sentido, o feminismo e a psicanálise, apesar de suas diferenças históricas, unem um objetivo comum: compreender e dar voz às experiências femininas.

A histeria, para Freud e seus contemporâneos, foi a personificação das angústias femininas frente a uma sociedade patriarcal. Posteriormente, autores como Jacques Lacan, avançaram no entendimento da mulher não mais como "outro do homem", mas como um ser com desejo próprio, complexidade e autonomia de discurso (Laurentiis, 2017).

No mesmo sentido, teóricas feministas como Simone de Beauvoir e Luce Irigaray, propuseram novas formas de entender a subjetividade feminina, afastando-se de um determinismo biológico que limita o papel da mulher ao corpo e à ausência do falo (Cougo *et al.*, 2022).

Ao incorporar perspectivas feministas, a psicanálise ganha um olhar mais atento para as questões de desigualdade, opressão e subjetividade feminina em um contexto social mais amplo. Isso não implica uma subversão completa dos conceitos psicanalíticos, mas um enriquecimento deles por meio do reconhecimento de realidades históricas e culturais (Hollanda, 2019).

Desse modo, o tema do presente estudo é a psicanálise, a escuta da mulher e o diálogo com o feminismo. A delimitação deste trabalho concentra-se em analisar as diferentes abordagens da feminilidade e do desejo feminino na psicanálise, com ênfase nas contribuições e limitações das teorias freudianas e lacanianas.

Tem-se por problema de pesquisa o fato de que a histeria, uma patologia tradicionalmente atribuída às mulheres, ajudou a constituir a psicanálise e, ao mesmo tempo, estereótipos perpétuos de fragilidade e irracionalidade feminina.

O objetivo da pesquisa realizada é analisar como a psicanálise abordou a feminilidade e a histeria a partir de Freud e Lacan, e como o feminismo respondeu criticamente a essas teorias, sobretudo no que diz respeito à construção do desejo feminino e da subjetividade.

Como objetivos específicos pretendem-se compreender a teoria de Freud sobre o feminismo; tratar da temática do feminismo no século XX e a visão de Lacan; analisar a histeria e sua importância para a compreensão do desejo feminino na ótica da psicanálise.

A justificativa para a realização deste estudo baseia-se na relevância contínua da psicanálise como ferramenta teórica e prática para a compreensão

dos processos psíquicos, e na necessidade de revisar criticamente suas concepções sobre a feminilidade e a história à luz das contribuições feministas.

A metodologia utilizada se traduz uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, realizada através de livros, artigos acadêmicos, periódicos e sites especializados quanto ao tema escolhido.

## **2 A TEMÁTICA FEMININA NA PSICANÁLISE: ENTENDENDO A HISTERIA**

A psicanálise e o feminismo surgiram praticamente ao mesmo tempo e se desenvolveram juntos. Destaca Bowlby (1997, p. 65) que a relação entre a mulher e a psicanálise envolve uma relação conflituosa, uma união paradoxal, “como gêmeos que estivessem, desde o começo, destinados ao amor e a rivalidade infinitos”.

De acordo com Laqueur (2001), a mulher, em relação ao homem, era tida como corpos isomórficos, o que predominou até o século XVIII no Ocidente. Assim ao homem se associam elementos como mente e cultura, enquanto à mulher se atribui corpo e sexo — vistos como aspectos menos nobres. Para Laqueur (2001), Freud seria um herdeiro dessa tradição que, de forma cega, coloca o masculino como referência e origem, enquanto a mulher é sua versão incompleta.

Irigaray, segundo Whitford (1997), entende que, para Freud a anatomia é o destino: conforme a autora, Freud em *O Ego e o Id* (1923/1990) teria se pautado em um determinismo biológico a partir do qual a mulher é inferiorizada e seu sexo não tem valor.

### **2.1 O FEMINISMO NO SÉCULO XX**

Em 1949, Simone de Beauvoir publicou "O Segundo Sexo", obra considerada uma das mais influente da teoria feminista do século XX, que argumenta que a mulher é um produto da civilização, e não um dado natural, sintetizada na célebre frase: "não se nasce mulher, torna-se" (Beauvoir, 1949/1970). Beauvoir afirma que a relação entre os sexos não é como a relação entre dois pólos opostos, como ocorre com as eletricidades. O homem,

historicamente, representa tanto o positivo quanto o neutro, a ponto de se usar o termo "homens" para designar todos os seres humanos. A mulher, por outro lado, é vista como o negativo; suas características são interpretadas como limitações, sem que haja reciprocidade (Beauvoir, 1949/1970):

A mulher, com suas particularidades biológicas como ovários e útero, é percebida como alguém preso em sua própria subjetividade, ao contrário do homem, que ignora que seu corpo também é definido por hormônios e órgãos como os testículos. Ele vê o próprio corpo como um padrão normal em relação ao mundo, enquanto o corpo feminino é visto como um obstáculo ou uma prisão. Dessa forma, o homem é considerado o sujeito, o absoluto; a mulher é o Outro (Beauvoir, 1949/1970, p. 9-10).

## 2.2 LACAN E O FEMINISMO

Nos anos 70, Lacan no Seminário 20 (1972-1973/1985) provocou a comunidade feminista ao afirmar que "A mulher não existe", uma declaração que questionava as bases teóricas que sustentavam a especificidade feminina em oposição ao homem. Comenta Fuentes (2009) que, enquanto o feminismo francês usou as ideias de Lacan para questionar as representações tradicionais da mulher, nos Estados Unidos, o conceito de "gênero" se institucionalizou, com a criação de programas acadêmicos específicos e uma proliferação de estudos que incorporavam conceitos lacanianos nos estudos culturais.

Luce Irigaray, uma das principais teóricas feministas francesas, foi a que mais profundamente explorou o lacanismo. Critica a ideia de Lacan de que "A mulher não existe", interpretando-a como uma afirmação de que a mulher, dentro da lógica masculina, não pode ser representada de maneira completa (Whitford, 1997).

Irigaray considera (Cossi, 2019) que o passo laciano de tomar as mulheres uma a uma comporia uma estratégia elaborada para impedi-las de conquistar uma representação discursiva ontológica, o que ameaçaria o império masculino.

"A mulher não existe, mas a linguagem existe. Que as mulheres não existem nessa linguagem - uma linguagem - regida por um mestre, que ela ameaça - como uma espécie de 'realidade pré-discursiva'? - que perturba sua ordem" (Irigaray, 1977/1985, p. 89 *apud* Cossi, 2019, p. 329).

Em vez disso, ela propõe que a escrita feminina, uma forma de expressão que vem do corpo e da experiência das mulheres, pode abrir novas possibilidades de ser e de pensar, desafiando o discurso patriarcal e criando um espaço onde as mulheres possam existir como sujeitos plenos.

Falar (como) mulher (*parler-femme*) e escrever (como) mulher. A escrita necessariamente provoca outra economia do sentido. Alterando a forma de escrita ou o discurso lógico, aposta Irigaray, outros significados seriam conferidos às mulheres. "[...] o feminino é sempre afetado por e para o masculino. O que queremos pôr em jogo é uma sintaxe pela qual as mulheres possam se autoafetar" (Irigaray, 1977/1985, p. 132 *apud* Cossi, 2019, p. 336).

De acordo com Whitford (1997), Irigaray repensou a diferença sexual a partir das teorias de Freud e Lacan, focando em conceitos como o gozo e a topologia. Suas ideias também foram alvo de debate sobre um possível essencialismo. Ela questionou a psicanálise, especialmente Freud e Lacan, por reforçarem ideias patriarcais, explorando conceitos de gozo e topologia, embora suas ideias tenham sido frequentemente acusadas de essencialismo dentro do feminismo.

Whitford (1997) afirma que Irigaray sugeriu que o feminino é o ponto cego da filosofia e da psicanálise e que o sistema simbólico dominante nega às mulheres um protagonismo verdadeiro, reduzindo-as aos reflexos do masculino.

Laqueur (2001) comenta que Lacan se afastou das explicações freudianas que tentavam compreender a feminilidade com base em uma ideia de falta ou ausência (como na famosa teoria da "inveja do pênis" de Freud), superego fraco, continente negro, menor senso de justiça, menos interesses sociais e menor capacidade sublimatória, propondo a feminilidade como algo que excede a lógica fálica, que é a lógica de poder e falta centrada no conceito do falo como o significante da autoridade e do desejo.

Conforme Cossi (2016), Lacan considera que a feminilidade "não é simplesmente uma questão de identidade biológica ou social", mas uma posição subjetiva intrinsecamente ligada à estrutura do inconsciente.

Para Irigaray (Cossi, 2016; Cossi, 2019), Lacan continua a sustentar uma perspectiva patriarcal tanto em sua prática clínica quanto em sua teoria, onde conceitos como o "Nome-do-Pai" e a "lei do Pai" reforçam a exclusão da mulher, relegando-a ao "Outro" na linguagem. Ela sugere que essa exclusão poderia ser vista como uma forma de foraclusão, onde a mulher é mantida fora do universo

simbólico, condenada à histeria ou psicose pela ausência de significantes para seu desejo e para seu corpo.

[...] um pai que não pode ser visto, que nunca tomará vida e vir a existir; que não tem mortalidade, sempre tendo sido pura especulação; um pai cujo efeito, dentre outros, é o de operar a divisão em dois gêneros, dois tipos de recurso de especula(riza)ção (Cossi, 2019, p. 328).

Assim, a relação entre a mulher e a psicanálise tem raízes profundas, especialmente quando se pensa na histeria e no papel que as mulheres desempenharam na história de seu desenvolvimento. A histeria, historicamente vista como uma "doença feminina", foi central para a constituição da psicanálise freudiana. Sigmund Freud, em suas investigações sobre a histeria, encontrou nas pacientes históricas uma janela para a compreensão dos processos inconscientes (Freud, 1893-1895/2016).

### **3 PSICANÁLISE E HISTERIA: A HISTERIA E A QUEIXA**

A relação entre a histeria e a queixa é central tanto na teoria psicanalítica de Freud quanto nos desenvolvimentos posteriores de Lacan (Van Haute; Geyskens, 2016). Comentam Costa e Lang (2016) que a queixa histórica tem uma particularidade: enquanto, em muitos casos, a queixa busca solução ou problema, na histeria ela cumpre uma função estruturante, instalada como uma forma de lidar com o desejo e as frustrações inconscientes.

Para Khan (1997, p.57), o ressentido, então, se vê "coberto de razões", apresentando suas queixas como plenamente justificadas. Nesse contexto, os sintomas não funcionam como enigmas a serem investigados, mas como pontos de ancoragem para sustentar a pretensa inocência da pessoa.

A repetição da reclamação, além de ser um veículo de gozo, serve para defender a integridade narcísica do eu (Kehl, 2003).

Freud (1905/2016a), ao tratar seus pacientes históricos, observa que uma queixa frequentemente estava relacionada a um desejo insatisfeito ou reprimido. No Caso Dora, por exemplo, a queixa de Dora contra o comportamento do Sr. K. e a trama em que ela se via envolvida com seu pai e a Sra. K. funcionava como uma maneira de expressar um conflito inconsciente relacionado à sua própria sexualidade e desejo.

Ao comentar o caso Dora, destaca Kehl (2003) que se Freud aceitasse, em consonância com a moral da época, “a posição de vítima a partir da qual a adolescente se queixava ao médico, qualquer possibilidade de investigação analítica ficaria bloqueada” (Kehl, 2003, p. 77). Foi preciso que Freud desconfiasse, de maneira tanto ingênua quanto brutal, das acusações de Dora contra o Sr. K e se ela não teria alguma participação como beneficiária do complô masculino do qual se imaginava vítima.

A queixa, no caso da histeria, muitas vezes mascara um desejo que o sujeito não consegue considerar, utilizando a queixa como uma defesa contra o confronto direto com esse desejo reprimido (Rosa, 2019).

Conforme Neto *et al.* (2014 p. 81), “estar e se manter insatisfeito proporciona ao histérico a inviolabilidade fundamental de seu ser, se constituindo na proteção contra um gozo que para ele represente a possibilidade de desintegração ou loucura”.

A queixa, na histeria, ainda tem um componente de gozo. O histérico repete sua queixa como uma forma de obter satisfação inconsciente, ainda que essa satisfação esteja envolta em sofrimento. Se torna uma espécie de mecanismo de gozo negativo, onde o sujeito se apega à posição de vítima para evitar o confronto com as raízes mais profundas de seu desejo e seus conflitos psíquicos (Kehl, 2003).

### 3.1 A HISTERIA E A FUNDAÇÃO DA PSICANÁLISE

A histeria desempenhou um papel central na fundação da psicanálise, sendo o ponto de partida para as descobertas de Freud sobre o inconsciente e os processos psíquicos que determinam o comportamento humano. Não apenas impulsionou a criação da psicanálise, mas também colocou suas premissas fundamentais, como a centralidade do inconsciente, o papel dos desejos reprimidos e a importância do discurso na cura dos sintomas psíquicos. Freud (1893-1895/2016c) argumentou que muitos casos de histeria foram enraizados em traumas psicológicos reprimidos em conflitos internos que obedeciam a três condições básicas: o infantil, o recalcado e o de natureza sexual. Foi ao tratar de pacientes histéricos que Freud desenvolveu os conceitos fundamentais que

viriam a constituir a base da psicanálise, como a repressão, o inconsciente, a transferência e a interpretação dos sintomas (Tosatti, 2024).

Freud (1893-1895/2016c) iniciou suas investigações sobre a histeria em colaboração com o médico Josef Breuer, com quem tratou o famoso caso de Bertha Pappenheim, conhecido pelo pseudônimo de Anna O.

O caso de Anna O. e outros pacientes histéricos ajudou Freud a formular a hipótese de que os sintomas histéricos eram expressões de conflitos psíquicos reprimidos, frequentemente relacionados a desejos sexuais inconscientes. Freud revolucionou o pensamento sobre a histeria ao mostrar que os sintomas físicos, como paralisias, cegueira temporária, desmaios e crises emocionais, tinham origem psíquica e não orgânica (Freud 1893-1895/2016c).

Comenta Ferreira (2002, p. 47) que “Breuer usou o método catártico, permitindo que Anna O. revivesse memórias traumáticas reprimidas através da hipnose”.

Esse processo aliviou os sintomas histéricos dela, o que levou Freud a perceber que os sintomas tinham uma base psíquica, e não orgânica, como se acreditava anteriormente. Anna O. cunhou a expressão "cura pela fala", que se tornaria um conceito essencial na psicanálise (Freud, 1893-1895/2016c).

Conforme Garcia-Roza (2009, p. 153), através de suas experiências clínicas, Freud abandonou o uso da hipnose, pois nem todos os pacientes eram suscetíveis a ela, e passou a utilizar o método da livre associação, permitindo que os pacientes falassem livremente o que viesse à mente.

Freud (1905/2016a) logo observa que muitos dos conflitos que deram origem à histeria estavam ligados à sexualidade, e foi a partir desses casos que ele desenvolveu sua teoria da sexualidade infantil. Ele formulou a teoria da sedução, segundo a qual experiências sexuais traumáticas na infância foram causa de sintomas histéricos.

Posteriormente, Freud revisou essa teoria ao perceber que muitos dos relatos de abuso sexual eram fantasias inconscientes dos pacientes. Isso levou a formular a ideia de que os sintomas histéricos resultavam não apenas de traumas reais, mas também de fantasias inconscientes, inaugurando a noção de que a vida psíquica do sujeito é moldada tanto pela realidade quanto pelas fantasias (Zavaroni *et al.*, 2007).

Posteriormente, Jacques Lacan retomou o estudo da histeria, enriquecendo-o com sua teoria do simbólico, do real e do imaginário. Lacan define a histeria como uma estrutura clínica onde o sujeito se posiciona em relação ao desejo do Outro, especialmente na tentativa de entender o que o Outro deseja e como se tornar o objeto desse desejo (Miller, 2011).

### 3.2 A ETERNA QUEIXOSA DE FREUD: A POSIÇÃO RESSENTIDA DA HISTÉRICA

A figura da histérica representa um dos desafios mais complexos da clínica psicanalítica. Esta posição é marcada por uma constante manifestação de queixas e uma postura de vítima, que não apenas expressa sofrimento, mas também reflete dinâmicas profundas de ressentimento e defesa psíquica (Kehl, 2003).

Freud (1898/1996) estabelece na histérica uma postura de constante reclamação e resistência, onde um paciente se apresenta repetidamente como vítima de situações externas ou de figuras de autoridade. Essa posição de vítima não é meramente uma expressão de sofrimento, mas uma estratégia psíquica para manter um certo controle sobre a narrativa de seu próprio sofrimento. Para Maurano (2010, p. 87), a histérica, ao se queixar incessantemente, “cria um espaço onde seus sintomas são legitimados e seu sofrimento é validado, tanto pelo terapeuta quanto por si mesma”.

Esse comportamento resiste a uma resolução simples, pois a reclamação se torna um ponto de ancoragem para sua identidade narcísica. Para Lacan (1958/1998), a histérica desenvolveu sua identidade em torno do sofrimento, e a repetição das queixas serve como um mecanismo de defesa que protege o ego contra o confronto direto com conflitos inconscientes mais profundos.

Freud observou – segundo Maurano (2010) – que, ao aceitar passivamente a posição de vítima, qualquer avanço na análise seria prejudicado, pois o paciente permaneceria informado na justificativa de seu sofrimento sem explorar as causas subjacentes.

No tratamento de Dora, Freud entendeu que a histérica, ao se colocar na posição de vítima, estava evitando o confronto com desejos reprimidos e

conflitos internos. Um aspecto central dessa análise foi a interpretação dos sonhos de Dora, que revelavam conteúdos simbólicos relacionados aos seus desejos inconscientes, o que o ajudou a desvendar os mecanismos psíquicos subjacentes ao seu comportamento (Roth, 2000).

Segundo Kehl (2003), a perspectiva lacaniana é a de que a histérica está em constante negociação com o desejo alheio, tentando decifrar o que o Outro deseja dela e, por conseguinte, tentando se tornar o objeto desse desejo. Esse processo envolve a criação de um semblante ou máscara, onde a histérica projeta uma identidade que busca ser desejada, mas que, na verdade, reflete um desejo insatisfeito e uma busca por reconhecimento.

No caso de Dora, Lacan interpretou sua queixa e sua relação com a Sra. K. como uma tentativa de entender o que o pai e o Sr. K. deseja na Sra. K., projetando esse desejo sobre si mesma. A histérica, portanto, não apenas se queixa de um sofrimento específico, mas utiliza essa posição para explorar e tentar preencher uma lacuna interna relacionada ao desejo e à identidade (Kehl, 2003).

Tanto Freud quanto Lacan concordam que os sintomas histéricos são manifestações de conflitos psíquicos profundos. Esses sintomas, que podem variar desde convulsões e paralisias até fobias e depressões, não são meramente respostas fisiológicas a estresses externos, mas sim expressões simbólicas de desejos reprimidos e conflitos internos. A histérica, ao se manifestar através desses sintomas, está tentando expressar algo que não consegue verbalizar diretamente (Kehl, 2003).

O sujeito histérico, ao se posicionar como vítima, evita reconhecer e lidar com seus próprios desejos, mantendo-os em circulação e em constante conflito com o Outro<sup>4</sup>. Essa análise nos conduz diretamente à discussão sobre o desejo na histeria, tema do próximo capítulo, onde aprofundaremos o entendimento

---

<sup>4</sup> “O conceito de ‘Outro’ com ‘O’ maiúsculo em Lacan é central para a sua teoria psicanalítica e se refere a uma dimensão que vai além do ‘outro’ com ‘o’ minúsculo, que seria uma pessoa comum com quem interagimos diretamente. O ‘Outro’ lacaniano é mais abstrato e multifacetado, relacionado à estrutura da linguagem, da cultura e das leis que organizam o desejo humano. É de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido.” (Quinet, 2012, p. 21).

psicanalítico do desejo, sua relação com o inconsciente e a maneira como ele se manifesta de forma distorcida nas estruturas históricas (Maurano, 2010).

#### **4 O DESEJO NA HISTERIA: CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DA HISTERIA**

A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana se dá a partir da lógica fálica, onde o desejo e a falta desempenham papéis centrais na formação do psiquismo. No início do desenvolvimento psíquico, a criança ocupa o lugar de "falo", sendo percebida pela mãe como aquilo que a completa, ou seja, o objeto de seu desejo. Este momento, descrito como o primeiro tempo do Édipo, caracteriza-se pela identificação da criança com a mãe, na medida em que ela se vê como o complemento que preenche a falta materna. Neste contexto, a criança ainda não é vista como um sujeito separado, mas como uma extensão do desejo materno. É nesse sentido que a criança não pode ainda ser vista como um sujeito, mas como falta, ou, melhor ainda, como complemento da falta da mãe.

Comenta Barretta (2012, p. 169) que “Lacan chama essa fase de “narcisismo primário”, pois a criança vive uma experiência de completude, acreditando ser tudo para o Outro, ou seja, para a mãe”. Esse estágio inicial de completude narcísica é fundamental, mas também ilusório, pois será desafiado com a entrada de um terceiro elemento: o pai imaginário, que inaugura o segundo tempo de Édipo. Aqui, a função do pai é introduzir a castração simbólica, ao intervir na relação mãe-criança e romper o vínculo narcísico entre eles (Barretta, 2012).

Para Cossi (2016), a intervenção do pai frustra a criança ao impedir que ela continue a preencher a falta materna, retirando-a da posição cativa de ser o falo. Esse processo é essencial para o desenvolvimento psíquico, pois leva à internalização da "Lei do Pai", representada pela interdição do desejo incestuoso e pela separação simbólica entre mãe e filho.

Garcia-Roza (1985, p. 67) destaca que é “a internalização dessa lei que permite à criança constituir-se como sujeito independente”, distinto da mãe, e integrar na ordem cultural.

No terceiro tempo do Édipo, o sujeito se dá conta de que nem ele nem a mãe possuem o falo. Esse reconhecimento abre caminho para o desejo, que se desloca para objetos externos na cultura, que passam a ser procurados como substitutos simbólicos do falo. É nesse momento que a criança é introduzida à ordem simbólica, onde ela se constitui como sujeito desejante e capaz de se relacionar com o mundo a partir da falta e do desejo (Barretta, 2012).

#### 4.1 O DESEJO DA HISTÉRICA

O tema do desejo na histeria é central na psicanálise, especialmente a partir dos estudos pioneiros de Sigmund Freud e Jean-Martin Charcot, que observaram a relação intrínseca entre o desejo inconsciente e as manifestações histéricas. Os sintomas histéricos surgem como uma forma de expressão para os desejos inconscientes reprimidos, como manifestações substitutivas desses desejos, que não encontraram uma via de descarga direta na consciência devido à ação do recalque. Freud (1905/2016b, p. 155), em sua obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, define os sintomas histéricos com: “um substituto – uma transcrição, por assim dizer – de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto, aos quais, mediante um processo psíquico especial (o recalque), nega-se a descarga através de uma atividade psíquica passível de consciência”. O recalque age de modo severo sobre os desejos histéricos, mas o inconsciente utiliza o corpo e os sintomas físicos como um meio de expressão.

O desejo insatisfeito é uma característica central na estrutura psíquica da histérica, pois ela se encontra em uma busca constante por algo que não pode ser plenamente realizado. A histérica não quer ser objeto de gozo para o Outro, ela quer provocar o desejo neste, mas certamente não é para satisfazê-lo. Ao se comparar com a falta constitutiva do sujeito, recusa-se a aceitá-la, evitando, ao mesmo tempo, a vivência de um gozo pleno e absoluto, que ela teme poder destruí-la como sujeito, conforme Freud, em seu texto “Feminilidade” (1933/1996).

Para Simões (2007), a estratégia da histérica é marcada por uma recusa daqueles que a desejam, direcionando seu interesse a figuras ou objetos de

desejo que são inacessíveis. Esse movimento mantém seu desejo em uma posição de constante insatisfação, pois o que ela busca nunca está realmente ao seu alcance. Dessa forma, a história vive numa relação paradoxal com o desejo: ela se envolve em uma busca incessante, mas essa busca está sempre destinada ao fracasso, pois a satisfação plena é vista como ameaçadora e inatingível. Ela se mantém em um ciclo onde o que nunca é o suficiente, e onde sempre há a expectativa de algo melhor ou mais completo.

A histérica, em virtude de seu sintoma, constitui seu desejo como insatisfeito, ou, para dizer de modo mais preciso, constitui seu desejo como desejo de desejo insatisfeito. Expressa, assim, o curto-circuito no qual seu saber acerca da inexistência do objeto 'específico' desejado conjuga-se com a recusa a saber disso, com o recalque. Seu sintoma obrigou Freud a conceber o inconsciente. (Elia, 2007, p. 838).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicanálise, desde seus primórdios com Freud, trouxe contribuições importantes para a compreensão dos processos psíquicos inconscientes, mas ao fazê-lo, também perpetuou certas visões patriarcais que limitavam a representação da mulher. Freud, ao centralizar o falo como significativo da autoridade e do desejo, impede à feminilidade uma posição de falta, associando-a à ausência simbólica e à passividade, contribuindo para uma visão da mulher como incompleta, reforçada pela leitura da histeria como uma expressão de seus conflitos internos não resolvidos.

Lacan, embora tenha tentado reformular a compreensão da feminilidade, manteve uma lógica que ainda privilegiava o falo como central no entendimento do desejo e da identidade. A ideia de que a mulher é “não-toda” dentro da lógica fálica foi uma tentativa de expandir uma teoria psicanalítica, mas para muitas teorias feministas, isso ainda não foi suficiente para romper com o viés patriarcal.

No que diz respeito à construção do desejo feminino e da subjetividade, as teóricas feministas argumentaram que a psicanálise limitou o desejo feminino a um reflexo do desejo masculino, subordinando a mulher ao papel de “Outro”. Elas propuseram novas formas de compreender a feminilidade e o desejo como expressões autônomas, não dependentes da falta simbólica associada ao falo. Dessa forma, o feminismo procurou libertar a psicanálise de suas limitações

patriarcais, promovendo uma visão mais inclusiva e equitativa da subjetividade feminina.

Quanto à histeria, historicamente associada às mulheres, marcada pela repetição das queixas e pela postura da vítima, serve tanto como um mecanismo de defesa quanto como um ponto de partida para a exploração psicanalítica. Freud e Lacan, ao entenderem a histérica como uma busca constante por ser o objeto do desejo do Outro, ofereceram ferramentas teóricas e clínicas para desvendar os enigmas do inconsciente, destacando a importância de abordar os sintomas de forma integrada e profunda, sem reduzi-los a meras manifestações físicas. Assim, ela deve ser reinterpretada de forma que não reforce estereótipos de fragilidade, mas sim permita uma compreensão mais profunda dos desejos e conflitos inconscientes, que afetam tanto homens quanto mulheres.

Pode-se concluir que a psicanálise, apesar de seus importantes aportes, deve ser constantemente revista para que possa continuar a ser uma ferramenta teórica e clínica que respeite a diversidade e complexidade da subjetividade feminina, através do diálogo com o feminismo, reconhecendo a importância de compensar suas bases teóricas e suas implicações sociais para uma sociedade mais igualitária.

## REFERÊNCIAS

BARRETTA, J. P. F. O Complexo de Édipo em Winnicott e Lacan. **Psicologia USP**, v. 23, n. 1, p. 157–170, jan. 2012.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. (Trabalho originalmente publicado em 1949).

BOWLBY, R. Doida ainda, depois desses anos todos. *In*: BRENNAN, T. (Org.) **Para além do falo**: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro: Ed. Record / Rosa dos tempos, 1997, p. 60-90.

COSSI, R. K. **Lacan e o feminismo**: a diferença dos sexos. São Paulo: Ed. Zagodoni, 2016.

COSSI, R. K. Luce Irigaray e a psicanálise: uma crítica feminista. **Gerai, Rev. Interinst. Psicol.**, v. 12, n. 2, p. 319-337, dez. 2019.

COSTA, D. S.; LANG, C. E. Histeria ainda hoje, por quê? **Psicologia USP**, v. 27, n. 1, p. 115-124, 2016.

COUGO, V. R.; BIAZUS, C. B.; BRAGANÇA, A. C. B.; PERRONE, C. M. Enlaces entre o Feminino e a Psicanálise na Obra de Louise Bourgeois. **Revista Subjetividades**, v. 22, n. 1, 2022. DOI: 10.5020/23590777.rs.v22i1.e10277. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/10277>. Acesso em: 29 out. 2024.

ELIA, L. F. O operário e a histérica: dois sujeitos modernos. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.823-840, jul.-set. 2007

FERREIRA, N. P. **Freud: criador da psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002.

FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses. *In*: FREUD, S. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho originalmente publicado em 1898).

\_\_\_\_\_. O Ego e o Id. *In*: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990. (Trabalho originalmente publicado em 1923).

\_\_\_\_\_. Conferência XXXIII: Feminilidade. *In*: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho originalmente publicado em 1933).

\_\_\_\_\_. Luto e Melancolia. *In*: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 15**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006, p. 245-265. (Trabalho originalmente publicado em 1917).

\_\_\_\_\_. Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora"). *In*: \_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a, p. 173-320. (Trabalho originalmente publicado em 1905).

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: \_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b, p. 13-172. (Trabalho originalmente publicado em 1905).

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016c.

FUENTES, M.J.S. **As mulheres e seus nomes**: Lacan e o feminino. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16122009-090444/>. Acesso em: 29 out. 2024.

GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e inconsciente**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HOLLANDA, H. B. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Bazar do Tempo, 2019.

KEHL, M.R. A histeria e o ressentimento. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 10, n. 25, p. 76-84, 2003.

KHAN, M. O rancor da histérica. *In*: BERLINCK, M.T. (org). **Histeria**. São Paulo: Ed. Escuta, 1997, p. 49-60.

LACAN, J. A significação do falo. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1958).

LACAN, J. **O Seminário, livro 20**: mais, ainda (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de M.D. Magno. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Relume Dumará, 2001.

LAURENTIIS, G. **Louise Bourgeois e modos feministas de criar**. São Paulo: Annablume, 2017.

MAURANO, D. **A histeria**: ontem, hoje e sempre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MILLER, J-A. **Perspectivas dos “Escritos” e “Outros Escritos” de Lacan**: entre desejo e gozo. Cia das Letras/Zahar Ed., 2011.

NETO, F. K., LEMES, C.; PEDERZOLI, A. A.; HERNANDES, M. L. A. Histeria e diagnóstico psiquiátrico na contemporaneidade: tensões com a psicanálise. **Revista Psicologia Argumento**, vol. 32, 2014.

OLIVEIRA, P.A.; NICOLAU, R.F. Feminino em questão: diálogos contemporâneos entre psicanálise e feminismo. **Revista Subjetividades**, v. 20, p. 1-12, 2020.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 2012.

ROSA, M. **Por onde andarão as histéricas de outrora?**: um estudo lacaniano sobre as histerias. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2019.

ROTH, M. **Freud: conflito e cultura**. Ed. Zahar, 2000.

SIMÕES, R.B.F. A recusa histérica à satisfação do desejo. **Psicologia para a América Latina**, v. 11, 2007.

TOSATTI, D.M.S. Histeria na modernidade: uma análise interdisciplinar das suas manifestações. **Revistas Tópicos**, v. 2, n. 6, p. 1-14, 2024.

VAN HAUTE, P.; GEYSKENS, T. **Psicanálise sem Édipo?**: Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan. Ed. Autêntica, 2017.

WHITFORD, M. Releitura de Irigaray. *In*: BRENNAN, T. (Org.) **Para além do falo**: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro: Ed. Record / Rosa dos tempos, 1997, p. 144-170.

ZAVARONI, D.M.L.; VIANA, T.C.; CELES, L.A.M. A constituição do infantil na obra de Freud. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 12, p. 65-70, 2007.